

Retoma Pronominal e Nominal em Tradução Alemão- -Português de um Romance de Heinrich Böll

0. Introdução

Esta comunicação constitui uma análise sucinta das simetrias e assimetrias verificadas no que concerne à tradução de formas de retoma no romance de Heinrich Böll *Haus ohne Hüter*, e respectiva tradução em português com o título *Casa Indefesa*. Utilizamos para este efeito a 11ª edição, de 1998, da dtv, do texto alemão, e a tradução portuguesa de Jorge Rosa, com o título *Casa indefesa*, sem data, publicada pelos Livros do Brasil.

Por razões de limitação de tempo, vamos restringir-nos à análise de formas de retoma pronominal no texto de partida, nomeadamente às constituídas por pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e relativos. Na medida em que nos propusemos analisar este mecanismo de retoma num texto literário original e respectiva tradução, entendemos dever seleccionar para tal um texto com um número considerável de referências a diferentes pessoas, lugares e objectos, e particularmente numa trama que envolvesse simultaneamente várias personagens do mesmo e de diferentes sexos: a referência a várias personagens do mesmo sexo em co-texto próximo implica o domínio de uma sintaxe textual de formas iniciais e formas de retoma que permita a fixação da referência, por um lado, evitando a ambiguidade (recurso a formas fortes), por outro evitando a saturação (recurso a formas fracas). Este romance afigurou-se-nos assim como adequado: num mesmo espaço – a casa de Martin – coexistem 3 personagens masculinas – Martin Bach, Albert Muchow e Glum – e 3 personagens femininas – Nella Bach, a Srª Holstege e Bolda; além disso, estas personagens cruzam-se com outras, nomeadamente as do núcleo familiar de Heinrich Brielach, particularmente nas inúmeras passagens respeitantes ao convívio entre Martin e Heinrich (da mesma idade e do mesmo sexo); acrescem ainda as outras passagens em que estas personagens, ditas principais, se cruzam com cerca de uma dezena de outras personagens, secundárias, ou quase com o estatuto de figurantes.

1. Retoma pronominal

1.1. Pronomes pessoais

O padrão prevaemente neste romance consiste na introdução de tópicos ou temas através de formas nominais, i.e., formas constituídas por sintagmas com um núcleo nominal, que depois são retomadas pronominalmente, o que configura a forma canônica na terminologia de Tschida (1995, 181 e ss.).

Em relação ao uso de pronomes pessoais regista-se uma assimetria básica nas estratégias de retoma do alemão e do português: a tendência no português para a elipse do sujeito pronominal em caso de manutenção de tema¹, e, como corolário, o recurso a sujeito expresso em caso de mudança de um para outro de dois (ou mais) temas concorrentes.

A forma canônica de introdução de tópicos ou temas, prevaemente neste romance, consiste, como dissemos, na sequência forma nominal – forma pronominal:

[1] (al) *Wenn Nella Besuch mitbrachte, rief sie Albert [...].* (p. 94).

O tradutor, seguindo a já referida tendência para a elipse do sujeito pronominal em português, opta nestes casos normalmente pela elipse:

[1] (pt) *Quando Nella aparecia em casa com visitas, [Ø] chamava Albert [...].* (p. 99).

No entanto, quando se registam dois temas concorrentes, o tradutor opta pelo sujeito expresso, sempre que se verifica mudança de tema:

[2] (al) [...] *wenn er [Glum] mit Tata auf dem Bett lag, erzählte sie ihm alles [...].* (p. 163)

[2] (pt) [...] *quando [Ø] estava deitado com Tata, ela falava-lhe em tudo [...].* (p.170).

Em casos de mudança de tema, análogos ao do excerto [2], o tradutor opta ainda, por vezes, por formas de retoma nominais, em alternativa a formas pronominais:

¹ Que a questão da elipse do sujeito em português está intimamente ligada à questão da manutenção de tema (ou tópico) é um dado já comprovado em Koller (1982).

[3] (al) *Martin nahm Wilma wieder auf den Schoß. Sie steckte den Daumen in den Mund [...].* (p. 257).

[3] (pt) *Martin tornou a pegar em Wilma ao colo. A garota meteu o polegar na boca [...].* (p. 271).

Dificuldades assinaláveis são as registadas quanto à tradução do pronome 'es', i.e., a forma de género neutro da 3ª pessoa do singular do pronome pessoal em alemão, que não tem correspondência directa no sub-sistema dos pronomes pessoais em português. Podemos dar como exemplo neste romance o uso do pronome 'es' em referência a uma criança em gestação:

[4] (al) *Später gab es Streit zwischen seiner Mutter und Karl wegen eines nie klar ausgesprochenes Dinges, das 'es' hieß. "Ich mach 'es' weg", war das, was die Mutter immer wieder sagte. "Und du machst es nicht weg!" war das, was Onkel Karl immer wieder sagte. Erst später verstand Heinrich, was 'es' war.* (p. 20).

[5] (al) [...] *Leo wurde Onkel Leo und wieder kam ein 'es'. [...] Diesmal sagte die Mutter, was damals Karl gesagt hatte. "Ich halte 'es'". Und Leo sagte das, was damals die Mutter gesagt hatte: "Du machst 'es' weg." Zu dieser Zeit war Heinrich schon im zweiten Schuljahr, und er wußte längst was 'es' war, [...] und es war klar, daß 'es' ein Kind war, und er brauchte nur für 'es' Kind einzusetzen. [...] 'Es' kam, das Kind [...].* (p. 23).

Em todos estes casos, o problema tradutivo que se coloca advém da inexistência do género neutro do pronome em português, e da dificuldade em optar por masculino ou feminino, visto desconhecer-se o sexo da criança. Estes factores levam o tradutor a recorrer aos pronomes demonstrativos invariáveis 'isto' e 'isso'; 'isto' é assim usado como equivalente para 'es' quando a referência é feita pela mãe, 'isso' quando a referência é feita pelo pai. Note-se também que, para a referência veiculada pelo narrador, o tradutor opta também pela forma 'isto', ou seja pela forma de proximidade, o que parece correcto, tendo em conta a perspectiva narrativa que impera neste capítulo.

[4] (pt) *Mais tarde houve uma zanga entre a mãe e Karl por causa de uma coisa que nunca foi claramente mencionada mas a que*

chmavam **'isto'**. "Vou desembraçar-me **'disto'**", dizia a mãe constantemente. "Não te desembraças nada!", respondia-lhe sempre o tio Karl. Só mais tarde é que Heinrich compreendeu o que era **'isto'**. (p. 21).

- [5] (pt) [...] Leo transformou-se no tio Leo, e depois **'isto'** tornou a surgir. [...] Agora era a mãe que dizia o que Karl dissera outrora: "Fico com **'isto'**". E Leo dizia o que outrora dissera a mãe: "Desembraça-te **'disso'**".
 Por esta altura já Heinrich andava no segundo ano, e havia muito que sabia do que se tratava, [...] e era evidente que **'isto'** era um bebé, bastando substituir a palavra [...] **'Isto'**, o bebé, nasceu [...]. (p. 24).

Em relação às formas de retoma constituídas por pronomes pessoais formas de complemento, não se registam neste texto dificuldades de tradução assinaláveis, e, conseqüentemente, não se verificam estratégias tradutivas dignas de registo. Há, porém, alguns casos em que o tradutor opta por formas nominais para a tradução de formas pronominais de complemento. Essa opção é tomada, não como estratégia para evitar uma eventual ambigüidade de uma referência pronominal, mas antes para evitar a repetição de formas pronominais idênticas. Veja-se, por exemplo, a tradução do excerto [6],

- [6] (al) *Nachmittags war er meistens mit **ih**r allein, und dann war sie ruhig und weinte nie [...].* (p.89).

- [6] (pt) *Da parte da tarde, era quase sempre ele quem ficava sôzinho com **a pequena**, e então ela mostrava-se tranquila, nunca chorava [...].* (p. 92).

em que o recurso à forma nominal a *pequena* permite evitar a repetição de duas formas idênticas de pronome pessoal² – uma de comple-

² Registe-se que, em virtude da mudança de tópico da primeira para a segunda frase deste excerto, se torna necessário sujeito expresso; assim sendo, e a pretender evitar-se repetição de formas idênticas, restava apenas o recurso à substituição de uma das formas pronominais por uma forma nominal: ou a de complemento da primeira frase, opção tomada pelo tradutor neste caso, ou a de sujeito da segunda frase – *era quase sempre ele quem ficava sôzinho com ela e então a pequena mostrava-se tranquila.*

mento e uma de sujeito – muito próximas uma da outra (*era quase sempre ele quem ficava sozinho com ela, e então ela mostrava-se tranquila*).

Na tradução de pronomes pessoais, tal como na tradução de outros pronomes que de seguida tratamos, e também ainda na tradução de formas de retoma nominais, evidencia-se nesta tradução uma tendência relativamente forte para evitar repetição de formas no co-texto próximo.

1.2 Pronomes possessivos

Como já comprovado por Sousa-Möckel (1997), regista-se no português uma maior tendência para possessivos implícitos comparativamente com o alemão. É em virtude dessa tendência que, no excerto seguinte, *seine Hand* é traduzido por *a mão*; este mesmo excerto exemplifica também o recurso a uma forma analítica, *dela*, o que permite evitar qualquer ambiguidade de referência suscitada pela forma sintética *sua*, que admite tanto um possuidor masculino como feminino:

[7] (al) *Als der Lehrjunge gegangen war, legte der Bäcker wieder **seine** Hand auf ihre Hand.* (p. 266).

[7] (pt) *Quando o aprendiz se foi embora, o pasteleiro tornou a pousar a [ø] mão na dela.* (p.281).

No entanto, na tradução das formas de pronome possessivo, o texto de chegada apresenta ainda, por vezes, uma outra estratégia que permite evitar qualquer ambiguidade da referência veiculada pelas formas sintéticas: a deslocação da referência feita através de pronome possessivo no texto de partida para pronome pessoal no texto de chegada. Assim em [8] (pt), o clítico *lhe* torna-se um equivalente tradutivo para dois determinantes possessivos – *ihren [Kopf]*, *seine [Brust]*, substituindo, com vantagem, duas formas analíticas do possessivo – [*a cabeça*] *dela*, [*ao peito*] *dele*:

[8] (al) ***Martin** nahm Wilma wieder auf den Schoß. Sie steckte den Daumen in den Mund und legte ihren Kopf an **seine** Brust.* (p. 257).

[8] (pt) ***Martin** tornou a pegar em Wilma ao colo. A garota meteu o polegar na boca e encostou-**lhe** a cabeça ao peito.* (p. 271).

Em outros excertos, onde no texto de partida ocorrem vários possessivos no co-texto próximo, o tradutor tende a evitar a repetição de formas (sintéticas ou analíticas), nomeadamente através da elipse de partes da frase não essenciais à sua compreensão: no texto de chegada ficam assim implícitos elementos que no texto de partida eram explícitos.

[9] (al) [...] legte **er seine** Hand auf ihre Hand, und sie ließ **seine** Hand dort liegen. (p. 266).

[9] (pt) [...] [**ele**] pousou a **sua** mão na dela e ela consentiu. [**≠ e ela** consentiu que a **sua** mão / a mão **dele** assim ficasse]. (p. 281).

A tradução das formas de retoma constituídas por possessivos neste romance caracteriza-se, assim, no geral, pela tendência para evitar a repetitividade de formas, recorrendo quer a possessivos implícitos, quer a pronomes pessoais, quer à elipse de partes de frase, desde que estes procedimentos tradutivos não perturbem a compreensão do texto. Em termos do uso de possessivos, nos excertos aqui apresentados, como noutros, o texto de chegada é, por conseguinte, menos explícito do que o texto de partida.

1.3. Pronomes demonstrativos

Em relação ao uso de demonstrativos neste romance, quer como pronomes quer como determinantes, não se registam problemas de tradução nem assimetrias assinaláveis entre texto de partida e texto de chegada. O texto de partida não é aliás muito fértil em demonstrativos; problemas de desambiguação de referência e de marcação de tema são normalmente resolvidos inequivocamente através de nomes próprios, que permitem a identificação inequívoca das referências.

Num diálogo entre Albert e Bresgote ocorre contudo o demonstrativo 'dieser' como determinante de um nome próprio. Tanto Albert como Bresgote conhecem alguém de nome Gäseler e, através de troca de informações, tentam descobrir se se trata do mesmo designado:

[10] (al) "Du sahst sie wegfahren?" sagte Albert.
 "Ja", sagte Bresgote, "mit einem Kerl, den ich hasse [...]."
 "Wer war es?" fragte Albert [...].
 (1) "**Dieser** Gäseler", sagte Bresgote heftig, "kennst du ihn nicht?"

"Nein."

[...]

"Du kennst ihn also doch", sagte Bresgote [...].

"Ich kannte nur einmal jemand, der so hieß [...]. Was macht er?" fragte Albert."

"Er ist seit drei Wochen beim 'Boten'".

[...]

(2) "**Dieser** Gäsele, den du kanntest, was hat er denn getan?"

[fragte Bresgote.]

[...]

(3) "**Dieser** Gäsele, den ich kannte, hat Nella Mann auf dem Gewissen [...], aber es ist sinnlos, es dir zu erzählen, weil wir nicht wissen, ob es derselbe ist." (pp. 225-226).

[10] (pt) – *Viste-a partir?* – perguntou Albert.

– *Sim* – disse Bresgote –, com um tipo que detesto [...].

– *Quem era?* – perguntou Albert [...].

(1) – **Esse tal** Gäsele – disse Bresgote com violência. – Não o conheces?

– Não.

[...]

– *Conheces decerto* [...]

– *Conheci um tipo com esse nome, mas foi em tempos idos* [...]. *Que faz ele?* – perguntou Albert.

– [...] *Há três semanas que está no 'Mensageiro'*.

[...]

(2) – **Este** Gäsele que tu conheceste, que fez ele? [perguntou Bresgote].

(3) – **Este** Gäsele que eu conheci tem a morte do marido de Nella na consciência [...], mas não vale a pena contar-te porque nem sabemos se é o mesmo. (pp. 237-238).

Como podemos ver, o tradutor opta, para estas três ocorrências da forma 'dieser', por traduções diferentes: *dieser Gäsele* é traduzido, respectivamente, na ocorrência (1) por *esse tal Gäsele* e nas ocorrências (2) e (3) *este Gäsele*.

Estas traduções afiguram-se-nos não adequadas; de facto, a nosso ver, na ocorrência (1) configura-se uma certa hesitação: dados co-textuais e contextuais fazem-nos crer que Bresgote faz referência a Gäsele através de *dieser Gäsele*, pressupondo inicialmente que o alocutá-

rio, Albert, o conhece; no entanto há de imediato uma hesitação que se manifesta na pergunta *kennst du ihn nicht?/ não o conheces?*, persistindo no entanto logo de seguida a convicção de que Albert conhece Gäseler, o que se manifesta na frase *Du kennst ihn also doch / Conheces decerto*.

Só posteriormente é que se coloca a questão de se estar eventualmente a falar de dois designados distintos com o mesmo nome e, a partir daí, assistimos, neste excerto, e no co-texto mais lato, a tentativas de fixação da referência, ou melhor, de desambiguação da referência, através de predicacões que vão sendo sucessivamente atribuídas ao designado por um e outro dos interlocutores. Nas duas ocorrências seguintes, o demonstrativo está claramente ao serviço das referidas tentativas de desambiguação da referência; nessas circunstâncias também não nos parece adequada a tradução *este Gäseler* para as ocorrências (2) e (3).

A nosso ver, uma boa tradução para as três ocorrências seria o uso do artigo definido: *o Gäseler*. No primeiro caso, esta opção seria fiel ao pressuposto inicial de Bresgote de que o designado seria do conhecimento do alocutário. Em relação às ocorrências seguintes, o uso do artigo definido em conjugação com as relativas restritivas seria suficiente para que não restasse qualquer ambiguidade: *o Gäseler que tu conheceste, o Gäseler que eu conheci*. Esta opção teria ainda a vantagem de manter, tal como no texto de partida, a mesma forma, embora com funções diversas, nas três ocorrências.

Da análise do uso do demonstrativo neste excerto, pode portanto concluir-se pela necessidade de uma definição rigorosa das funções do demonstrativo, mesmo em formas idênticas, nas diversas ocorrências de um texto. Essa análise, que tem necessariamente que se basear em factores contextuais e co-textuais, deverá condicionar a escolha de equivalentes tradutivos. Falhas nessa análise conduzem a traduções pouco criteriosas que podem, como no caso vertente, perturbar a coerência do texto.

A solução que sugerimos para a tradução destas três ocorrências coloca uma outra questão: a da possível equivalência do determinante demonstrativo (al) ao artigo definido (pt) em determinadas ocorrências. Tal equivalência parece-nos ser possível e desejável, principalmente na oralidade, onde o português parece tender para evitar o demonstrativo em formas de retoma, recorrendo, caso necessário a outras formas de desambiguação.

1.4. Pronomes relativos e orações relativas

Como é sabido, os pronomes relativos introduzem orações relativas, as quais têm como função atribuir determinada predicação a um determinado antecedente ou núcleo. A função do pronome relativo consiste exactamente em permitir a retoma do antecedente, servindo assim de suporte para a atribuição da predicação. Essa predicação pode ser essencial para a definição do núcleo, e, nesse caso, estamos perante relativas restritivas, ou acessória, e nesse caso estamos perante relativas apositivas. É de registar a transformabilidade das relativas restritivas em atributos ou acessórios do seu núcleo e a transformabilidade das relativas apositivas em apostos ou continuados do seu núcleo. Verifica-se ainda que, por razões de estilo ou de interpretabilidade, o tradutor poderá recorrer a essas transformações nos dois sentidos, i.e., (al) relativa – (pt) não relativa, (al) não relativa – (pt) relativa.

De seguida veremos como o tradutor deste romance recorre a essa transformabilidade, em que co-textos o faz, e, eventualmente, quais os efeitos daí decorrentes em termos de estilo ou de interpretabilidade.

O recurso à transformação de relativas restritivas em atributos do núcleo ocorre muito raramente nesta tradução. Um dos poucos casos é o seguinte, em que a relativa restritiva em alemão é transformada, em português, em adjunto preposicional³:

[11] (al) [...] während Frauen mit offenen Kleidern auf den Plakaten, **die den roten Streifen trugen** 'Jugendverbot', 'Unmoralisch' versprochen [...]. (p. 201).

[11] (pt) [...] enquanto que as mulheres de vestidos abertos e **com a tira vermelha** "Impróprio para Menores" prometiam 'imoralidade' [...]. (p. 211).'

No geral as relativas restritivas que ocorrem, aliás pouco frequentemente, no texto de partida são traduzidas no texto de chegada também por relativas restritivas, tal como vimos no excerto [10] (*o Gäseler que tu conhecestes; o Gäseler que eu conheci*).

Em contrapartida, o recurso à transformação de relativa apositiva em aposto do núcleo ocorre muito frequentemente nesta tradução, prin-

³ Verifica-se ainda que o tradutor transferiu a atribuição do seu núcleo no texto de partida – *den Plakaten* – para um outro núcleo no texto de chegada – *as mulheres de vestidos abertos* – transferência co-textualmente legitimada pelas relações de contiguidade entre as duas formas nominais que constituem esses núcleos.

cipalmente quando essa relativa apositiva é uma oração intercalada, relativamente curta, e com predicado contendo verbo de cópula. Nestes casos o aposto confere ao texto maior leveza, permitindo simultaneamente a atribuição de idênticas predicções, sem necessidade do suporte constituído pela forma de retoma (pronomes relativos), e do predicado.

[12] (al) [...] *die Stille dieses großen Hauses, das sonst mit Lärm gefüllt war, bedrückte ihn.* (p. 212).

[12] (pt) [...] *o silêncio deste casarão, normalmente tão ruidoso, deprimia-o.* (p. 224).

Transformações análogas ocorrem também, mas já com menor frequência, em casos em que a relativa apositiva não é intercalada, e não contém predicado com verbo de cópula. Aqui, a transformação parece ser ditada por razões de natureza semântica: por exemplo, no excerto seguinte, uma tradução mais literal seria pouco aceitável pois o semantismo do verbo ‘rir’ dificilmente admitiria como agente ‘vozes’.

[13] (al) *Er hörte ihre hellen Stimmen zu, die über den mißlungenen Pudding lachten [...].* (p. 210).

[13] (pt) *Pôs-se a escutar as suas vozes bem audíveis, gargalhadas a troçar do pudim fracassado [...].* (p. 222).

Por vezes, uma oração relativa em alemão é traduzida por uma construção de aposição constituída por oração participial⁴, tal como na tradução do excerto [14]:

[14] (al) [...] *das Glas roten Weins, das auf dem Nachttisch stand, erschien ihm fast wie Tinte [...].* (p. 5).

[14] (pt) [...] *o copo de vinho rubro, pousado em cima da mesa de cabeceira, parecia-lhe cheio de tinta [...].* (p. 5).

Em alguns casos, a tradução de orações relativas através de orações participiais envolve alguns problemas de ambiguidade. O excerto [15], não ambíguo em alemão,

⁴ Cunha/Cintra (1996¹², 611) classificam estas orações como orações adjectivas reduzidas de participio.

[15] (al) [...] *ein großer Spiegel [...] war ganz ausgefüllt vom Porträt eines Mannes, das auf der anderen Seite dem Spiegel gegenüber hing.* (p. 220).

sê-lo-ia em português, quer traduzíssemos a oração relativa por oração relativa,

[15a] (pt) [...] *um grande espelho [...] estava completamente preenchido com o retrato de um homem, **que estava pendurado do lado oposto.***

quer por construção de aposição, constituída por oração participial,

[15b] (pt) [...] *um grande espelho [...] estava completamente preenchido com o retrato de um homem, **pendurado do lado oposto.***

A ambiguidade de [15a] advem do facto de o pronome relativo português ‘que’, contrariamente ao seu equivalente alemão ‘der’, não apresentar marcas de concordância com o seu antecedente, não podendo, por isso, por si só, desambiguar entre dois antecedentes; [15b] é também ambígua, e por maioria de razão, já que a construção de aposto não contém forma de retoma.

Também neste caso o tradutor optou por transformar a relativa apositiva em aposto, mas, para evitar ambiguidade de referência, incluiu no aposto uma forma nominal de retoma do antecedente, constituída por (repetição do) nome e determinante demonstrativo, que serve de suporte à predicação atribuída, evitando qualquer ambiguidade:

[15c] (pt) [...] *um grande espelho [...] estava completamente preenchido com o retrato de um homem, **retrato esse pendurado do lado oposto.*** (p. 232).

O tradutor poderia também ter optado por recurso de desambiguação idêntico e oração relativa em lugar de aposto (*retrato esse que estava pendurado...*); a tendência geral nesta tradução é, no entanto, a de recorrer à transformabilidade das relativas apositivas em apostos, o que confere ao texto de chegada uma maior leveza.

Um outro recurso tradutivo, que ocorre com certa frequência, consiste na transformação de relativa apositiva em oração gerundiva⁵. O

⁵ Cunha/Cintra (1996¹², 606, 610) classificam estas orações como orações adjectivas reduzidas de gerúndio e registam a sua transformabilidade em orações relativas.

tradutor aplica este procedimento quando se verifica um certo grau de simultaneidade entre a asserção da oração principal e a da oração relativa:

[16] (al) *Dauernd waren Briefe von Nella gekommen, die ihn anflehte, zurückzukommen [...].* (p. 212).

[16] (pt) [...] *recebia constantemente cartas de Nella, implorando-lhe que voltasse [...].* (p. 224).

Este tipo de transformação parece ser particularmente preferido como alternativa a uma tradução literal, quando esta implicaria o uso do determinante relativo ‘cujo’ – um determinante que conduz a frases em certa medida pesadas e de baixa frequência em português:

[17] (al) *Albert kam aus der Küche zurück, deren Tür er offen ließ.* (p. 220).

[17] (pt) *Albert voltou da cozinha, deixando a porta aberta.* (p. 233).

Todos os casos que temos vindo a analisar consistem portanto no recurso à transformação de relativas em alemão em não relativas em português. Regista-se contudo ocasionalmente o recurso a relativas em português para a tradução de lexemas complexos, aos quais correspondem determinados conceitos na língua de partida que é necessário explicitar para os leitores do texto de chegada.

[18] (al) *Sie sah genau aus wie die Frauen in den Rassenbüchern, nur weniger langweilig.* (p. 222).

[18] (pt) *Parecia mesmo uma das mulheres dos livros em que se celebra a raça germânica, apenas menos enfadonha.* (p. 234).

2. Conclusões

As assimetrias registadas na tradução de formas de retoma constituídas por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos são, como vimos, ditadas quer pela estratégia de evitar ambiguidade referencial (exemplos 7, 9 e 15), quer por pela estratégia de evitar repetição de

formas idênticas no co-texto próximo (exemplos 6 e 9). As equivalências obtidas por via de transformações que conduzem a que a pronome possessivo em texto de partida equivalha pronome pessoal em texto de chegada (exemplo 8), as que conduzem a que a pronome pessoal em texto de partida equivalha pronome demonstrativo no texto de chegada (exemplos 4 e 5) e ainda os casos em que a determinante demonstrativo no texto de partida possa corresponder artigo definido no texto de chegada (exemplo 10) acabam por comprovar, por via da análise linguística de texto de carácter contrastivo aqui apenas esboçada, que se é verdade que intra-língua os sub-sistemas pronominais se complementarizam formando um sistema pronominal, inter-líguas, neste caso, alemão-português, se faz uso dessa complementaridade para cumprir os objectivos acima mencionados, i.e., evitar ambiguidade referencial e evitar a repetição de formas idênticas no co-texto próximo.

Outro tipo de assimetrias, nomeadamente as registadas na tradução das relativas, parece ter sido ditado mais por razões de estilo, nomeadamente no sentido de obter uma sintaxe mais leve no texto de chegada (exemplos 11, 12, 13, 14, 16 e 17). Esta tentativa de obtenção de uma sintaxe mais leve no texto português comparativamente com o texto original alemão encontra alguma justificação em análises interculturais do discurso, que apontam, de facto, para uma tendência do alemão para períodos mais longos e sintaxe mais pesada, em comparação com outras línguas, nomeadamente o português. De todo o modo, e principalmente quando abordamos razões de estilo, como é agora o caso, resta sempre ao tradutor, principalmente do texto literário, um leque de escolhas que permitem que ele próprio, para além de tradutor, se assuma também, pelo menos em parte, como escritor.

Dalila Lopes (I.S.C.A.P./I.P.P.)

Bibliografia

Fontes

Böll, Heinrich (1998¹¹), *Haus ohne Hüter*, München, dtv.

Böll, Heinrich (s/ data), *Casa Indefesa*, Tradução para Português de Jorge Rosa, Lisboa, Livros do Brasil.

Bibliografia secundária

- Cunha, Celso / Cintra, Lindley (1996¹²), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Ed. Sá da Costa.
- Ehlich, Konrad (1983), "Deixis und Anapher", in: Rauh, Gisa (ed.) (1983), *Essays on Deixis*, Tübingen, Narr, 79-97.
- Koller, Erwin (1982), "Zum Subjektspronomen aus Kontrastiver Sicht" in: Schützeichel, Rudolf (ed.) (1982), *Sprachwissenschaft* Band 7, Heft 2. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 149-167.
- Sousa-Möckel, Filomena M. (1997), "A construção possessiva em português e em alemão", in: Lüdtke, Helmut e Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.) (1997), *Linguística Contrastiva. Deutsch versus Portugiesisch-Spanisch-Französisch*, (= *Acta Romanica*, Band 9), Tübingen, Narr, 121-134.
- Tschida, Alexander (1995), *Kontinuität und Progression. Entwurf einer Typologie sprachlicher Information am Beispiel des Französischen* (diss.), (= *pro lingua* Band 25) Wilhelmsfeld, Egert.
- Wandruszka, Mario (1969), *Sprachen vergleichbar und unvergleichlich*, München, Piper.